



A caracterização das Danaides nas *Suplicantes* de Ésquilo

The characterization of the Danaids in Aeschylus' *Suppliants*

Beatriz de Paoli¹

e-mail: beatriz@letras.ufrj.br

orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9121-2364>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v8i1.32946>

RESUMO: As *Suplicantes*, de Ésquilo, tragédia representada em torno de 463 a.C., narra a história das cinquenta filhas de Dânao, que, fugindo de sua pátria, o Egito, chegam a Argos, terra de sua ancestral Io, buscando asilo e proteção. As jovens chegam fugindo de seus primos, os Egipcíades, que pretendem desposá-las à força. O objetivo deste artigo é discorrer sobre alguns aspectos da caracterização das Danaides nessa tragédia esquiliana, tendo como fio condutor o par de opostos gregos-bárbaros e procurando observar em que medida essa caracterização cria aquilo que Hartog (1980) denomina de “efeito de alteridade” e como esse “efeito de alteridade” está a serviço de uma representação majoritariamente pejorativa dos bárbaros.

PALAVRAS-CHAVE: tragédia grega; Ésquilo; *Suplicantes*; caracterização; alteridade

ABSTRACT: Aeschylus' *Suppliants*, represented around 463 B.C., tells the story of the fifty daughters of Danaus, who, fleeing from their homeland, Egypt, reach Argos, land of their ancestral Io, seeking asylum and protection. The young girls arrive fleeing from their cousins, the Egyptians, who intend to marry them by force. This paper aims to discuss some aspects of the characterization of the Danaids in this Aeschylean tragedy, having as a common thread the pair of Greek-Barbaric opposites and trying to observe to what extent this characterization creates what Hartog (1980) calls “otherness effect” and how this “otherness effect” is at the service of a majority pejorative representation of the barbarians.

KEYWORDS: Greek tragedy; Aeschylus; *Suppliants*; Euripides; characterization; otherness

¹ Professora de Língua e Literatura Grega da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.



Introdução²

Em 1952, foi publicado um fragmento do papiro de Oxirrinco (POxy. 2256, fr. 3) que trazia a informação didascálica de que Ésquilo ganhou o primeiro prêmio com a tetralogia das Danaides, ficando Sófocles com o segundo lugar. Concluiu-se, a partir daí, que a representação das *Suplicantes* não se realizou, como até então se supunha, em torno de 490 a.C., mas sim depois de 463 a.C., o que lhe destituiu do posto da mais antiga tragédia supérstite de Ésquilo.

As Suplicantes formaria parte de uma tetralogia composta ainda pelas tragédias *Os Egípcios* e *As Danaides* e pelo drama satírico *Amímone*. O referido papiro conecta *As Danaides* com *Amímone*, mas não sabemos a ordem das duas primeiras tragédias na composição da trilogia e, principalmente, em que consistiria o conteúdo das peças perdidas³.

Autores de diferentes épocas contaram a história das cinquenta filhas de Dânao. De acordo com Garvie (1969, p. 164), há uma versão diferente para quase todos os detalhes da história, mas podemos encontrar ao menos quatro elementos que são comuns a todas as versões; quais sejam: 1) a existência de dois irmãos, Dânao e Egito, descendentes de Io, que possuem respectivamente cinquenta filhas e cinquenta filhos; 2) a ocorrência de uma querela entre esses dois irmãos; 3) o casamento entre os cinquenta filhos e as cinquenta filhas, as quais, sob as ordens de Dânao, assassinam seus esposos na noite de núpcias; 4) a desobediência de uma delas, Hipermnestra, que poupa a vida de seu marido, Linceu. Sendo assim, de acordo com Garvie, é pouco provável que Ésquilo, uma vez que os elementos um e dois figuram em *Suplicantes*, não tivesse, no transcorrer de sua trilogia, incluído os elementos três e quatro.

Essas informações, de caráter quase protocolar, são importantes, no entanto, para pensarmos na caracterização das Danaides nessa tragédia de Ésquilo⁴. Minha proposta é discorrer sobre alguns

² Este artigo resulta de um texto apresentado, com modificações, em duas ocasiões distintas: no *VII Colóquio do Grupo de Pesquisa Estudos sobre o Teatro Antigo* (USP, São Paulo, agosto de 2019) e no *XXII Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos* (UFJF, Juiz de Fora, setembro de 2019). Agradeço aos colegas do GP Estudos sobre o Teatro Antigo e a todos os presentes em ambas as ocasiões pelos comentários e sugestões.

³ Para um panorama minucioso da questão, cf. Johansen & Whittle (1980, pp. 40-55, vol. I); cf. especialmente Garvie (1969, pp. 163-233). Para um breve resumo da questão, cf. Mitchell, 2006, pp. 207-10.

⁴ Para o conceito de caracterização, utilizamos o verbete “Character”, de Fotis Jannidis, em *The Living Handbook of Narratology* (disponível em <https://www.lhn.uni-hamburg.de/node/41.html>).

aspectos dessa caracterização tendo como fio condutor o par de opostos gregos-bárbaros⁵.

Edith Hall (1989) propõe que a ideia de bárbaro – não como *barbaróphonos*, ou seja, aquele que fala algo ininteligível aos ouvidos gregos, que é o termo que aparece em Homero⁶ –, mas sim essa ideia de bárbaro como o etnicamente outro, o antigrego, surge no início do século V a.C., impulsionada, por um lado, pela conjunção de uma ameaça externa (o império persa) e uma centralização política interna; e sustentada, por outro lado, pela ideologia, primeiro, pan-helênica e, em seguida, imperialista, da Liga de Delos. A tragédia esquiliana, notadamente *Os Persas*, cria, nas palavras da autora, um ‘vocabulário do barbarismo’, isto é, um conjunto de termos, temas, símbolos e ações, para caracterizar o bárbaro, seja o bárbaro de então (que são os persas) ou do tempo de outrora, como, por exemplo, as próprias Danaides.

Isso que Hall denomina de ‘vocabulário do barbarismo’ é bastante próximo ao que Hartog (1980) chama, com relação à narrativa herodotiana, de ‘retórica da alteridade’. Ambos os autores se propõem – cada um a seu modo e com seus próprios termos – a analisar como Ésquilo e Heródoto, respectivamente, representam discursivamente o outro e como esse processo de representação do outro é, ao mesmo tempo, um processo de autodefinição. Há sempre a afirmação implícita de uma virtude na acusação de uma falha: à hierarquização do despotismo bárbaro opõe-se o igualitarismo da democracia grega; à excessiva luxúria bárbara opõe-se o austero caráter grego; à falta de autocontrole bárbaro opõe-se a autodisciplina grega.

Como alerta Hall (1989, p. 149), no entanto, a visão que os gregos têm dos bárbaros é inerentemente contraditória. O mundo bárbaro é, por mais das vezes, inferior ao grego, abrigo de tiranos e selvagens, mas pode ser também um lugar de sabedoria, em que habitam pessoas com relações privilegiadas com os deuses⁷. Os egípcios, que aqui nos interessam, desfrutam tanto de um estatuto privilegiado, como, por exemplo, de serem considerados os mais antigos dos homens⁸, como também

⁵ Para tanto, irei me valer não só, mas principalmente, das obras *Inventing the Barbarian: Greek Self-Definition through Tragedy*, de Edith Hall (1989), e *O espelho de Heródoto*, de François Hartog (1980). Hartog, embora se ocupe de narrativa historiográfica, oferece ferramentas importantes quando se trata de se pensar esse “outro” por excelência que são os bárbaros para os gregos e, sobretudo, para os atenienses do século V a. C. Irei utilizar esses autores para fins de caracterização das personagens, não para propor uma interpretação da tragédia como um todo. As relações entre Danaides, Egípcíades e argivos são mais complexas e, como bem observa Mitchell (2006, p. 218), não podem ser resolvidas mediante uma categorização gregos *versus* bárbaros ou nós *versus* os outros.

⁶ No final do catálogo das naus, ao descrever os cários: *Il.* 2, 867.

⁷ A profecia, na tragédia, é predominantemente feita por personagens de origem bárbara: Cassandra, Teônoe, Dario, Polimestor, Reso. Cf. Hall (1989, pp. 149-150).

⁸ Cf. Heródoto, II, 15: αἰεὶ τε εἶναι ἔξ οὗ ἀνθρώπων γένος ἐγένετο (eles [os egípcios] sempre existiram, desde o aparecimento do gênero humano). Como observa Ribeiro (2010, p. 101), “É precisamente essa antiguidade, quicá ancestralidade, que permite que o Egito seja visto como uma Escola da Grécia, o modelo inspirador de sua organização religiosa – de seu panteão, dos nomes dos deuses. (...) Heródoto diz-nos também (II, 57-58) que são os egípcios os inventores da mântica; os primeiros a celebrar grandes festas religiosas nacionais, a instituir procissões em cortejo aos deuses ou portando oferendas. Práticas essas aprendidas pelos gregos”.

são, no imaginário grego, considerados um povo astuto, ardiloso e charlatão⁹.

Vejamos, portanto, alguns elementos da caracterização que Ésquilo faz das Danaides nas *Suplicantes*, procurando observar em que medida essa caracterização cria aquilo que Hartog chama de um ‘efeito de alteridade’ e como esse efeito de alteridade está a serviço de uma representação majoritariamente pejorativa dos bárbaros.

Linguagem

Ésquilo, embora, obviamente, não pudesse fazer seu Coro de Danaides falar outra língua que não a grega, não deixa, no entanto, de caracterizar a fala dessas estrangeiras como não-grega, valendo-se, para tanto, de alusões à heterofonia da língua das Danaides e de outros expedientes.

No quarto episódio, as Danaides referem-se a si mesmas como forasteiras, dizendo: “(...) Toda gente / está pronta para repreender / forasteiros¹⁰. O termo aqui traduzido por ‘forasteiros’ é ἄλλόθροος, termo que, embora tenha o sentido pragmático de ‘forasteiro’, remete claramente ao fato de que as jovens falam uma língua outra que não a grega.

No párodo, encontramos uma alusão semelhante na expressão “voz peregrina” (καρβᾶνα ... αὐδᾶν, 119, 130). O adjetivo κάρβανος parece ter o mesmo sentido de ‘bárbaro’ e é empregado aqui para qualificar como não-grega a língua falada pelas Danaides.

Que o sentido de κάρβανος seja equivalente ao de bárbaro fica mais evidente quando, no quarto episódio, o rei Pelasgo, confrontado com o Arauto dos Egípcíades recém-desembarcados, chama-o de κάρβανος, opondo o termo a Ἕλληνοι, ‘gregos’. Diz o rei: “Se és peregrino, debochas demais os gregos¹¹. Comentando essa passagem, Johansen & Whittle (1980, p. 232, vol. III) chamam atenção para o uso desse mesmo termo no *Agamémnon*, observando que ali é usado “desdenhosamente” (*contemptuously*). Trata-se da passagem em que Clitemnestra, confrontada pelo persistente silêncio da troiana Cassandra e supondo, por essa razão, que a profetisa não falasse grego, pede a ela que indique com “peregrina mão” (καρβάνω χερί, 1061).

É, porém, na cena do confronto entre as Danaides e os Egípcíades, também no quarto episódio, que se torna mais explícita a caracterização desses personagens egípcios como *barbaróphonoι*. Como Hall (1989, p. 118) observa, Ésquilo usa gritos, repetição e aliteração para criar um efeito de

⁹ Cf. Frag. 373: δεινοὶ πλέκειν τοὶ μηχανὰς Αἰγύπτιοι (Os egípcios são excelentes em tecer ardis). Dânao, por exemplo, é dito prudente (φρονούντι, *Su.* 176, πρόνοον, 969), mas a sua prudência está associada à sua capacidade de deliberar com antecedência (προμηθίαν, *Su.* 178; προτέρα μήτις, 970-1); ele é o guia do conselho (βούλαρχος, *Su.* 11; βούλαρχον, 970), é quem planeja e faz executar. Sommerstein (1977, p. 67) chama a atenção para a ambiguidade do termo βούλαρχος, observando que sugere o “plano” (βουλή) para assassinar os Egípcíades.

¹⁰ *Su.* 972-4: πᾶς τις ἐπειπεῖν / ψόγον ἄλλοθροίς / εὔτυκος. Todas as citações das *Suplicantes* correspondem à tradução de Jaa Torrano (2009).

¹¹ *Su.* 914: κάρβανος ὦν Ἕλλησιν ἐγγλίεις ἄγαν.

alteridade, utilizando recursos próprios à língua grega para sugerir que esses personagens não são gregos.

Os Egipcíades, por exemplo, entram em cena gritando *Ho ho ho, ha ha ha!* (ὄ ὄ ὄ, ἄ ἄ ἄ, v. 825). E é, de fato, abundante o uso de aliterações e repetições: βαθυχαῖος / βαθρείας βαθρείας (859-60); θέλεος ἀθέλεος, / βίῃ βίῃ [...] / βάτεαι βαθυμιτροκακὰ (862-64); μᾶ Γᾶ μᾶ Γᾶ βοᾶν / [...] ὦ βᾶ Γᾶς (890-2, repetido em 900-2). Há ainda, nessa cena, o uso da única palavra não-grega nesta tragédia, βάρις, ‘navio’ (836, repetido em 874).

Aparência

Não só a língua falada pelas Danaides é caracterizada, nas *Suplicantes*, como não-grega, mas também, e sobretudo, o seu aspecto. É o próprio Dânao quem salienta a diferença entre a aparência dele e de suas filhas e a dos argivos, dizendo: “(...) a aparência não se parece: / o Nilo não cria família similar a Ínaco”¹².

Um dos mais importantes elementos de caracterização das Danaides, em termos de aparência, está nas vestimentas usadas pelas Danaides. No párodo, as jovens fazem menção ao gesto de lacerar “o linho / dos véus sidônios”¹³. O linho é o tecido, por excelência, dos egípcios. Heródoto, em seu livro sobre o Egito, observa que os egípcios “vestem sempre roupas de linho recém-lavadas”¹⁴. Essa referência às roupas das Danaides demonstra, é claro, o cuidado etnográfico, por parte de Ésquilo, na caracterização das jovens egípcias. Porém, o linho é somente o material de que são feitos os véus das Danaides, que recebem o adjetivo de ‘sidônios’. Como nos informam Johansen & Whittle (p. 108-9, vol. II), essa referência à Sidônia remontaria a uma passagem da *Ilíada* em que Heitor orienta Hécuba a oferecer à deusa Atena “o peplo que te parecer mais gracioso e maior / no palácio e o mais querido para ti mesma”¹⁵; Hécuba então vai a seu aposento “onde havia peplos ornadíssimos, obras das mulheres / sidônias”¹⁶. Não se trata, portanto, apenas de véus feitos de linho egípcio, mas de véus que evocam o luxo e o refinamento, que, do ponto de vista dos gregos do século V a.C., são atributos de conotação negativa próprios dos bárbaros¹⁷.

Essa mesma associação, que aqui se dá de forma sutil, entre refinamento dos trajes e identidade

¹² *Su.* 496-8: μορφῆς δ' οὐχ ὁμόστολος φύσις. / Νεῖλος γὰρ οὐχ ὅμοιον Ἰνάχω γένος / τρέφει.

¹³ *Su.* 120-1: λακίδι σὺν λινοσινεῖ / Σιδονίᾳ καλύπτρα

¹⁴ *Hdt.* II, 37: Εἴματα δὲ λίνεα φορέουσι αἰεὶ νεόπλυτα. Tradução nossa.

¹⁵ *Il.* 6, 271-2: πέπλον δ', ὅς τις τοι χαριέστατος ἦδὲ μέγιστος / ἔστιν ἐνὶ μεγάρῳ καὶ τοι πολὺ φίλτατος αὐτῆ. Trad. de Christian Werner (2018).

¹⁶ *Il.* 6, 289-90: ἔνθ' ἔσαν οἱ πέπλοι παμποίκιλα ἔργα γυναικῶν / Σιδονίων. Trad. de Christian Werner (2018).

¹⁷ O luxo e a riqueza excessivos são intrinsecamente maus, como atestam vários cantos corais das tragédias de Ésquilo. Cf. estudo introdutório à tradução da *Oresteia*, por Jaa Torrano (2004).

bárbara, reencontramos de forma explícita no primeiro episódio, quando o rei Pelasgo é confrontado com a visão do Coro de suplicantes. Diz ele:

Donde é este bando de trajas não gregos,
com vestimentas e diademas bárbaros,
faustoso, com quem falamos? Não de Argos
são as vestes das mulheres, nem da Grécia.¹⁸

As vestimentas são, para Pelasgo, o primeiro indício de não-grecidade das Danaides. Os trajas são ditos ‘não-gregos’ (ἀνελληνόστολον, um hápax), ‘não de Argos’, ‘nem da Grécia’; em suma, ‘bárbaros’. A insistência na não-grecidade das vestimentas das jovens é significativa, pois, ante o inesperado que é a visão dessas mulheres, só é possível definir o que elas não são; isto é, elas não são o que Pelasgo é: grego.

A referência ao termo ‘bárbaro’ aparece próxima a outro importante e com o qual está intimamente ligado: ‘faustoso’. De acordo com Hall (1989, p. 81), alguns termos essenciais que, no Persas, evocam o luxo da corte persa tornam-se intimamente associados ao *éthos* bárbaro e passam a compor o que, como se mencionou, a autora chama de ‘vocabulário do barbarismo’. Um desses termos é χλιδή, que aqui aparece na forma verbal χλίω¹⁹. Assim, essa descrição das vestes faustosas, cuja referência já havíamos encontrado na alusão aos véus sidônios, é um dado importante na caracterização das Danaides como bárbaras.

Há, no entanto, apenas um indício, como observa o rei Pelasgo, que lhes conferiria, por conjectura, uma identidade grega: os ramos de suplicantes que trazem às mãos. É preciso lembrar, no entanto, que, no párodo, as Danaides designam os “ramos coroados de lã” (ἐριοστέπτοισι κλάδοισιν, *Su.* 22) que trazem em suas mãos, insígnias de sua condição de suplicantes, por “súplices punhais” (ίκετῶν ἐγχειρίδιος, *Su.* 21). Há uma ambiguidade cledomântica no termo ἐγχειρίδιον, que significa tanto ‘aquilo que se traz na mão’ quanto ‘punhal’²⁰.

Haveria, portanto, aqui, um prenúncio da transfiguração de sua condição de suplicantes, trazendo às mãos um ramo envolto em lã, para a condição de assassinas, trazendo às mãos um punhal

¹⁸ *Su.* 234-7: ποδαπὸν ὄμιλον τόνδ' ἀνελληνόστολον
πέπλοισι βαρβάροισι κάμπυκῶμασι
χλίοντα προσφωνοῦμεν; οὐ γὰρ Ἀργολίς
ἔσθης γυναικῶν οὐδ' ἀφ' Ἑλλάδος τόπων

¹⁹ Ver também o mesmo uso desse termo em referência a vestimentas em Eurípides *IA.*, 74 e em *Reso*, 960.

²⁰ Como observam Johansen & Whittle (1980, p. 21, vol. II), “in Herodotus and Attic prose the word [ἐγχειρίδιον] means exclusively ‘hand-knife’, ‘short sword’, and it is reasonable to assume that this was the current sense when the play was written”. A respeito da cledomancia nas *Suplicantes* e nas demais tragédias de Ésquilo, cf. De Paoli (2015).

coberto de sangue²¹. Winnington-Ingram (1961, p. 148) e Sommerstein (1996, p. 149), em suas tentativas de reconstrução das duas outras tragédias perdidas, especulam que, no párodo das *Danaides*, após as bodas de consequências funestas, elas entrariam em cena carregando dessa vez não ramos de suplicantes, mas os punhais manchados de sangue utilizados no assassinio de seus maridos²².

Assim, por uma ironia trágica, o único elemento que Pelasgo reconhece nas Danaides como sendo de origem grega é justamente aquele que evoca, no imaginário grego, o feito mais conforme à sua identidade bárbara: o assassinato dos seus próprios maridos.

Todavia, esse grupo exótico de mulheres trajadas, faustosamente, à moda bárbara, declara-se, para a incredibilidade de Pelasgo, argivas de origem. O que há de ‘incrível’ (ἄπιστα, *Su.* 277) em as Danaides se dizerem argivas é a sua aparência, que ele diz ser muito mais condizente com a de estrangeiras:

Sois bem mais parecidas com líbias
e não mesmo com mulheres nativas.
O Nilo poderia nutrir uma tal planta:
os varões artesãos forjam semelhante
caráter cipriota nas figuras femininas.
Ouço que as nômadess indianas selam
e cavalgam camelos como a cavalo,
a viverem na vizinhança dos etíopes;
e se tivésseis arcos, comparar-vos-ia
a Amazonas, sem marido e carnívoras.²³

Para além do efeito proléptico que podemos identificar nessa comparação das Danaides com as Amazonas, as “sem marido” – exatamente a condição em que as jovens se encontrarão ao

²¹ Gantz (1978, p. 280) chama atenção para o fato de que Apolodoro usa precisamente a palavra ἐγχειρίδιον para descrever a arma empregada pelas Danaides em sua sangrenta noite de núpcias: “Quando sorteou os casamentos, [Dânao], tendo organizado um banquete, deu punhais às suas filhas” (ὡς δὲ ἐκληρώσατο τοὺς γάμους, ἐστιάσας ἐγχειρίδια δίδωσι ταῖς θυγατράσιν, *Bibl.* II, 1, 5, tradução nossa).

²² Todavia, mesmo se nos atermos exclusivamente ao horizonte dos acontecimentos nas *Suplicantes*, os “súplices punhais” mantêm a força de sua ambiguidade cledomântica, pois prenunciam o caráter ameaçador para o rei de Argos e seu povo que a condição de suplicantes das Danaides irá adquirir no decorrer da tragédia. São um símbolo da sua condição ambígua: os súplices ramos coroados de lâ às mãos de indefesas donzelas revelar-se-ão afinal um poderoso instrumento de coerção para o rei e seus súditos, que, ao lhes dar abrigo, entrarão forçosamente em guerra com os Egípcíades.

²³ *Su.* 279-88: Λιβυστικαῖς γὰρ μᾶλλον ἐμφερέστεραι
γυναίξιν ἐστε κούδαμῶς ἐγχωρίαις.
καὶ Νεῖλος ἂν θρέψειε τοιοῦτον φυτόν,
Κύπριος χαρακτήρ τ' ἐν γυναικείοις τύποις
εἰκῶς πέπληκται τεκτόνων πρὸς ἀρσένων·
Ἰνδάς τ' ἀκούω νομάδας ἵπποβάμοσιν
εἶναι καμήλοις ἀστραβιζούσας χθόνα,
παρ' Αἰθίοσιν ἀστυγειτονουμένες.
καὶ τὰς ἀνάδρους κρεοβόρους [δ'] Ἀμαζόνας,
εἰ τοξοτευχεῖς ἦτε, κάρτ' ἂν ἦκασα
ὑμᾶς. (...)

assassinarem os seus esposos –, é significativo o recurso, por parte de Pelasgo, à analogia, nessa tentativa de compreender esse verdadeiro enigma que são as Danaides.

Esse bando exótico, faustoso, cuja não-grecidade se enfatiza uma e outra vez, possui um grau de alteridade que, para ‘traduzi-lo’ – para usar a expressão de Hartog –, é necessário valer-se de determinados recursos, tal como a comparação e a analogia. Curiosamente, porém, quando Hartog propõe esse ‘operador de tradução’ que é a comparação, ele o faz tendo como horizonte, na narrativa herodotiana, a oposição entre gregos e bárbaros, mas de modo que um elemento bárbaro é traduzido por comparação a um elemento grego. O que observamos aqui é quase o oposto: essas mulheres que se proclamam gregas são comparadas aos mais variados tipos de bárbaros: líbias, egípcias, cipriotas, indianas, etíopes e Amazonas. Trata-se de uma comparação que culmina numa inversão. Em Heródoto, por exemplo, até mesmo os citas possuem um grau menor de alteridade do que as Amazonas²⁴.

Porém, quando se atinge, num crescendo, essa máxima alteridade para caracterizar as Danaides, que são as Amazonas, segue-se o diálogo em que elas oferecem a Pelasgo o conhecimento da história de Io, sua ancestral comum, como uma prova de sua origem grega. A história de Io opera, assim, nessa espécie de cena de reconhecimento, como um indício que, afinal, não se pode refutar – tal como o tecido bordado pelas mãos de Electra, nas *Coéforas* (*Co.* 231), ou o anel de Agamêmnon na *Electra* de Sófocles (*El.* 1223) –, de modo que possuir o conhecimento da história de Io, possuir essa memória, reduz consideravelmente a percepção, ao menos perante Pelasgo, das Danaides como bárbaras, como não-gregas, a despeito da tez queimada de sol do Nilo e das vestimentas faustosas, porque, apesar da incredibilidade inicial, Pelasgo aceita a reivindicação das Danaides de serem de origem argiva.

Ora, as Danaides são claramente caracterizadas como bárbaras, não-gregas, o etnicamente outro²⁵. Declaram-se e provam ser de origem grega. O elemento-chave de sua greicidade repousa na história da argiva Io, expulsa de sua terra natal e transformada em um ser híbrido, “meio novilha, meio mulher”²⁶. Da mesma forma, também as Danaides são esse ser híbrido, meio bárbaras, meio gregas. Esse seu hibridismo se reflete no seu estatuto com relação à cidade de Argos: Pelasgo a elas se refere como ἀστοξένοι (*Su.* 356), ‘cidadãs-estrangeiras’²⁷. São, como a sua ancestral Io, um ser próprio das fronteiras; enquanto esta se situa na fronteira entre o humano e o animal, aquelas se situam na fronteira entre o grego e o bárbaro, entre o estrangeiro e o cidadão.

²⁴ Cf. Hartog (1980, pp. 247-255).

²⁵ Essa alteridade, que se traduz em distância, é evocada, no primeiro estásimo, quando as Danaides descrevem os caminhos percorridos por Io: Frígia, a cidade mísica de Teutras, os vales da Lídia, os montes da Cilícia e de Panfília, Chipre e, por fim, o Egito (*Su.* 547-64).

²⁶ *Su.* 568-70: μειξόμβροτον, / τὰν μὲν βοός, / τὰν δ' αὖ γυναικός.

²⁷ Johansen & Whittle (1980, p. 285, vol. II) referem-se a esse termo como “a single-word oxymoron”. Amendola (2019, p. 21) definiu-o em termos semelhantes: “a compound word devised by the poet and subsequently reclaimed only by grammarians and lexicographers, that in an almost oxymoronic way, encapsulates the entire story of the maidens”.

Comportamento

Se as Danaides situam-se na fronteira entre gregos e bárbaros, o mesmo não podemos dizer com relação aos Egipcíades e a seu arauto. Ora, sendo os Egipcíades primos das Danaides, partilham da mesma origem grega por elas alegada, porém possuem, em sua representação e caracterização, diferente grau de alteridade²⁸.

No quarto episódio, frente a frente, ao clamor das Danaides pelos deuses Terra e Zeus, o Arauto responde: “Não temo os deuses desta terra”²⁹. Além de impiedosos, os recém-chegados são extremamente violentos e ameaçam puxar as jovens pelos cabelos, marcá-las com ferro em brasa, cortar-lhes a cabeça (*Su.* 836–41; 884; 904; 909). Também desrespeitam as leis da hospitalidade; como diz Pelasgo ao Arauto: “não sabes ser hóspede”³⁰.

Essa falta de piedade, de autocontrole e de respeito às leis locais³¹ são uma representação de uma certa selvageria muitas vezes associada ao *étos* bárbaro. Se os Egipcíades e seu arauto não respeitam os deuses nem as leis de hospitalidade, encontram-se fora do *nómos*, isto é, em território selvagem, passível, portanto, da crueldade que demonstram em suas ameaças de mutilação às Danaides³².

Todavia, tampouco as Danaides demonstram total respeito aos *nómoi* gregos. No primeiro episódio, à pergunta de Pelasgo acerca do motivo pelo qual deixaram o palácio paterno, as Danaides respondem que fugiram de seu país por “ódio à união conjugal”³³. Trata-se de uma resposta enigmática; por essa razão, o rei reformula de forma mais específica a sua pergunta: “Que suplicas a estes Deuses juntos, / coroados de lâ recém-colhidos ramos?”³⁴. As Danaides respondem que suplicam que não sejam servas na família de Egito, mas se evadem de responder à próxima questão proposta por Pelasgo: a de se não o desejam por ‘ódio’ (κατ’ ἔχθραν) ou por ‘não ser lícito’ (μὴ θέμις, *Su.* 336).

Evadem-se por quê? Ora, a pergunta do rei pressupõe uma alternativa inexistente para elas: por ódio ‘ou’ (ἢ) por não ser lícito. É preciso ter em mente que, no párodo, as Danaides pedem aos deuses que seus perseguidores pereçam no mar antes de usurparem o poder de seu pai e pisarem em leitos “não-consentidos” (ἀκόντων, *Su.* 39) “que a lei protege” (ὧν θέμις εἴργει, *Su.* 37). Nesses versos, elas assimilam o que é ‘consentido’ (ἔκων) ao que é ‘lícito’ (θέμις) e, conseqüentemente, o que

²⁸ Sobre a cena de chegada em cena do Arauto dos Egipcíades e sua caracterização, cf. Fernández Deagustini (2018).

²⁹ *Su.* 893: οὔτοι φοβοῦμαι δαίμονας τοὺς ἐνθάδε

³⁰ *Su.* 917: ξένος μὲν εἶναι ... οὐκ ἐπίστασαι

³¹ Os Egipcíades, como estrangeiros, necessitariam de um *próxenos* para representar a sua reivindicação das Danaides, como Pelasgo dá a entender no v. 919. Da mesma forma, o Arauto desdenha de testemunhas e processos judiciais, ao sugerir que a rixa seria resolvida por Ares, isto é, com a guerra (*Su.* 934–7).

³² A respeito do conceito de *nómos*, cf. Cairus (2004).

³³ *Su.* 332: ἔχθει ... εὐναίων γάμων

³⁴ *Su.* 333–4: τί φῆς ἰκνεῖσθαι τῶνδ’ ἀγωνίων θεῶν, / λευκοστεφεῖς ἔχουσα νεοδρέπτους κλάδους;

‘não é consentido’ (ἄκων) com o que ‘não é lícito’ (οὐ θέμις). Dessa forma, o seu ódio advém de uma união que se pretende alcançar sem consentimento e, por isso mesmo, de seu ponto de vista, ilícita. Elas assim apagam as fronteiras entre o que é particular – o não-consentimento seu e de seu pai a esse casamento – e o que é geral – os costumes, as vigências, as leis; ou seja, os *nómoi*.

Além disso, é notória a passagem em que as Danaides demonstram não compreender o sistema político democrático grego, nem considerá-lo. Quando Pelasgo lhes diz que a decisão de lhes conceder ou não asilo pertence não a ele, mas ao povo argivo (*Su.* 365-9), elas respondem:

Tu és a cidade, tu és a população.
Por seres prítane não sujeito a juiz,
és senhor do altar, lareira da terra,
com teus nutos de solitário voto.
No trono de solitário cetro, tens todo
poder necessário. (...) ³⁵

Pelasgo contrapõe à anomia bárbara, incorporada, principalmente, pela figura do Arauto egípcio, a persuasão retórica – ao dizer que os Egipcíades só poderiam levar as Danaides mediante convencimento (*Su.* 940-941) – e o poder do voto unânime do povo argivo, que decidiu não entregar as Danaides à força. Diz o rei:

Isso não está escrito nas pranchetas
nem consignado em dobras de papiros,
mas claro ouves de língua de livre fala. ³⁶

A liberdade de fala, não podemos nos esquecer, é sempre associada à democracia; e seu contrário, ao despotismo, à tirania.

³⁵ *Su.* 370-5: σύ τοι πόλις, σὺ δὲ τὸ δῆμιον·
πρύτανις ἄκριτος ὢν,
κρατύνεις βωμόν, ἐστίαν χθονός,
μονοπήφοισι νεύμασιν σέθεν,
μονοσκήπτροισι δ' ἐν θρόνοισι χρέος
πᾶν ἐπικραίνεις. (...)

Em certa medida, a mesma incompreensão e o mesmo tipo de afirmação de caráter despótico podem ser encontrados na personagem de Atossa, nos *Persas*. No primeiro episódio, a Rainha pergunta ao Coro pelo ‘pastor’ (ποιμάνωρ) que preside e domina o exército ateniense e, quando o Coro diz que os atenienses não são submissos a ninguém, ela pergunta então como é possível que se defendam dos inimigos (*Pe.* 241-3). E, logo após narrar o sonho que teve e o auspício que avistou, conforta-se com a ideia de que, mesmo mal sucedido na expedição contra os gregos, seu filho Xerxes não haveria de prestar contas ao seus e seguiria sendo rei da Pérsia (*Pe.* 213-14).

³⁶ *Su.* 946-9: ταῦτ' οὐ πίναξίν ἐστιν ἐγγεγραμμένα
οὐδ' ἐν πτυχαῖς βίβλων κατεσφραγισμένα,
σαφή δ' ἀκούεις ἐξ ἐλευθεροστόμου
γλώσσης. (...)

Essa caracterização dos Egipcíades e do Arauto – e das Danaides até certo ponto – é permeada por um discurso de superioridade dos gregos frente aos bárbaros. Diz Pelasgo frente à ameaça de guerra feita pelo Arauto: “Mas encontrareis moradores desta terra / varões, sem beberem cerveja de cevada”³⁷, como se a própria dieta dos bárbaros, sendo inferior à dos gregos, que bebem vinho, fizesse com que não fossem tão fortes e viris quanto eles.

Curiosamente, esse mesmo argumento aparece na boca do próprio Dânao, que, para acalmar as filhas frente à iminente chegada dos Egipcíades, diz: “O fruto do papiro não supera a espiga”³⁸. Dânao, um egípcio de origem grega, pode apenas estar reconhecendo a superioridade de seus anfitriões e ancestrais. Porém, é preciso levar em consideração que, à chegada dos Egipcíades, opera-se um deslizamento identitário entre Dânao e suas filhas, de um lado, e os gregos, de outro; ou seja, ante os Egipcíades, o ‘outro’ em seu grau máximo de alteridade, Dânao e suas filhas tendem a se tornar gregos³⁹. Como observa Fernández Deagustini (2018, p. 55): “Esquilo hizo que las dudas iniciales de Pelasgo (y de los espectadores) respecto de la identidad cultural de las Danaides se disipen cuando y porque llega el heraldo, el personaje que señala la falta del Otro, la frontera.”.

Máscaras

No que diz respeito à caracterização das Danaides nas *Suplicantes*, gostaria ainda de comentar as referências, no texto, à cor de sua pele. No párodo, as jovens mencionam a sua “face tostada junto ao Nilo (Νειλοθερῆ παρειάν, v. 70) e o seu génoς “de negra tez / brunida de sol (μελανθῆς / ἠλιόκτυπον γένος, v. 154-5)⁴⁰.

Curiosamente, todas as referências à cor da pele nesta tragédia são feitas pelos próprios egípcios. Pelasgo, a única personagem grega da tragédia, não faz em momento algum uma referência específica ao tom de pele das Danaides; ao deparar-se em cena com elas, vimos que o primeiro aspecto que lhe chama atenção para identificá-las como não-gregas são as vestimentas.

Há, na tragédia grega, de acordo com Hall (1989, pp. 139-40), poucas referências às diferenças físicas entre gregos e bárbaros, exceto no caso de pessoas negras. Por essa razão, ainda que incerto, é provável que os atores do Coro utilizassem máscaras escuras para representar as jovens egípcias.

Isso forçosamente me remete à polêmica a respeito de uma encenação, impedida de acontecer,

³⁷ *Su* 952-3: ἄλλ' ἄρσενάς τοι τῆσδε γῆς οἰκῆτορας / εὐρήσειε, οὐ πίνοντας ἐκ κριθῶν μέθου

³⁸ *Su* 761: βύβλου δὲ καρπὸς οὐ κρατεῖ στάχυον

³⁹ A respeito da narrativa herodotiana, Hartog (1980, p. 289) observa: “A retórica da alteridade tende, pois, a ser dual – ou, dito de outro modo: como seria de se esperar, *alter*, na narrativa, significa bem o outro (de dois).

⁴⁰ As duas únicas outras referências que se faz ao tom de pele dos egípcios é quando Dânao avista a aproximação do navio dos Egipcíades e descreve a visão que tem de “varões de negros / braços” (ἄνδρες ... μελαγχίμοις / γυίοισι, 719-20), e quando as Danaides se referem aos Egipcíades, que se aproximam em seus navios, como “exército negro” (μελαγχίμοι ... στρατῶ, v. 745), considerada esta também uma referência ao tom da pele.

das *Suplicantes* na Universidade de Sorbonne, em março de 2019. Philippe Brunet, diretor de teatro e professor de grego da universidade de Ruen, na França, usou, na encenação da tragédia, máscaras douradas para representar os argivos e máscaras escuras, de cobre, para representar os egípcios, além de maquiagem escura sob a máscara⁴¹.

O espetáculo foi impedido de acontecer porque grupos estudantis ligados a diversos movimentos negros⁴² interditaram o acesso à apresentação, em protesto ao uso das máscaras escuras na representação das Danaides. Para esses grupos, tratava-se de uma prática racista denominada *blackface*, uma referência a atores brancos que, nos espetáculos de menestréis (*minstrel shows*) do século XIX, nos Estados Unidos, pintavam seus rostos com carvão de cortiça para representar personagens afro-americanas, uma prática a que o *Movimento dos direitos civis dos negros* nos Estados Unidos pôs fim somente em 1960.

Como resposta ao impedimento da apresentação do espetáculo, por iniciativa do *Théâtre du Soleil*, publicou-se um manifesto online⁴³, juntamente com um abaixo-assinado, que angariou inúmeras assinaturas, em que se classificava o acontecido como um ato de censura, “um atentado inaceitável à liberdade de criação”⁴⁴ por parte “desses Juízes autoproclamados do Bem e do Mal”⁴⁵. Tratava-se, ao fim e ao cabo, sugere o texto, de ignorância do que é o teatro, “o lugar da metamorfose, não um refúgio de identidades”⁴⁶.

Por uma ironia trágica, não havia sequer um único ator negro nessa montagem das *Suplicantes*.

Creio que seria difícil discordarmos que a tragédia grega é sim “um refúgio de identidades”, se é que penso ter entendido o que o autor tenha pretendido dizer; é muito mais que isso, mas é *também* isso.

As oposições essenciais sobre as quais a dualidade grego-bárbaro é construída na tragédia grega são pares como democracia e despotismo, liberdade e escravidão, moderação e excesso, coragem e covardia, virilidade e feminilidade, mas não o par brancos e negros, nem sequer deuses pátrios e bárbaros⁴⁷.

⁴¹ Agradeço à Profa. Dra. Luisa Severo Buarque de Holanda (PUC- Rio) pelas indicações bibliográficas sobre o assunto.

⁴² A saber, a *Ligue de défense noire africaine* (LDNA), a *Brigade anti-nérophobie* e o *Conseil représentatif des associations noires* (CRAN).

⁴³ Disponível em: <https://www.theatre-du-soleil.fr/fr/guetteurs-tocsin/pour-eschyle-103>. Acessado em 10 de agosto de 2019.

⁴⁴ “atteinte inacceptable à la liberté de création”

⁴⁵ “Juges autoproclamés du Bien et du Mal”

⁴⁶ “le lieu de la métamorphose, pas le refuge des identités”

⁴⁷ Como observa Vidal-Naquet (in: PELLING, 1997, p. 115): “The tragic poet, far from playing with the single register of the opposition between citizens and non-citizens, Athenians and foreigners, Greeks and barbarians, an opposition which in itself allows quite a large variety of combinations, has at his disposal a series of codes that he can manipulate as he pleases: opposition between sexes, opposition between age groups, opposition between free and slaves and, more subtly, opposition between the values of kinship and those of citizenship (...)”.

Creio ser inegável que, apesar das complexidades e das contradições, o discurso trágico mostra-se comprometido com os ideais democráticos da Atenas do século V a.C. e que tais ideais, se, internamente, exaltam a isonomia, externamente apregoam o contrário: nós, atenienses, somos superiores aos demais gregos; nós, gregos, somos superiores aos bárbaros. E esse discurso de superioridade de um grupo sobre outro passa, na tragédia, como vimos, pela caracterização dos personagens, de que faz parte também o seu aspecto físico.

Sendo assim – eu me pergunto –, será que as encenações hodiernas não deveriam, de fato, ter mais cuidado para, mesmo que “involuntariamente” e a pretexto de “liberdade de criação”, não reatualizarem e ressignificarem um mesmo e velho discurso de superioridade de um grupo sobre o outro?

Referências bibliográficas:

Fontes primárias:

- AESCHYLUS. **The Suppliants**. Edited by H. Friis Johansen and E. W. Whittle. 3 vol. Copenhagen: Gyldendal, 1980, vol. 1: Bibliography, Introduction, Text, Apparatus, 120 pp.; vol. 2: Commentary 1–629, 517 pp.; vol. 3: Commentary 630–1073, Indices, 480 pp.
- ÉSQUILO. **As Suplicantes**. Prefácio, introdução, tradução e notas de Ana Paula Quintela Ferreira Sottomayor. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, 1968.
- ÉSQUILO. **Oresteia**. Estudo e tradução de Jaa Torrano. 3 vol. São Paulo: Iluminuras / FAPESP, 2004.
- ÉSQUILO. **Tragédias: Os Persas, Os Sete contra Tebas, As Suplicantes, Prometeu Cadeeiro**. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- HERÓDOTO. **História**. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.
- HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Christian Werner. São Paulo: Ubu Editora / SESI-SP Editora, 2018.
- TRAGICORUM GRAECORUM FRAGMENTA**. Ed. Radt, S. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1985.

Bibliografia de apoio:

- AMENDOLA, S. *Xenoi* and Greeks between opposition and ‘hybridization’. Some observations about the lexicon of the otherness in Aeschylus’ survived tragedies. **Humanitas**, 74, 2019, pp. 9–28.
- CAIRUS, H. Quando o *nómos* não é a lei. In: **Influência, Arte, Debates, Cultura, Direito, Oriente**. São Paulo: Uninove, 2004, pp. 19–25.
- DE PAOLI, B. **A adivinhação na tragédia de Ésquilo**. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Departamento de Letras Clássicas e Vernácula, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- FASSIN, É. Le mot race – Cela existe (1/2). **AOC (Analyse Opinion Critique)**, 10/04/2019.
- FASSIN, É. Le mot race – Cela existe (2/2). **AOC (Analyse Opinion Critique)**, 11/04/2019.
- FERNÁNDEZ DEAGUSTINI, M. del P. La condición de ser “Otro” en Suplicantes de Esquilo: un análisis (comparativo) de la escena del Herald de los Egipcios. **Phoînix**, vol. 24, n. 1, pp. 43–65, 2018.
- GANTZ, T. N. Love and Death in the *Suppliants* of Aischylos. **Phoenix**, 32, n. 4, 1978, pp. 279–287.

- GARVIE, A. F. **Aeschylus' Supplikes: Play and Trilogy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.
- HALL, E. **Inventing the Barbarian: Greek Self-Definition through Tragedy**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HARTOG, F. **O espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do outro**. Trad. Jacyntho Lins Brandão. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014 [1980].
- JANNIDIS, F. Character. In: HÜHN P; MEISTER, J. C; PIER, John; SCHMID, W. (eds). **The Living Handbook of Narratology**. Hamburg: Hamburg University Press, 2012. Disponível em: <<https://www.lhn.uni-hamburg.de/node/41.html>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2020.
- MITCHELL, L. G. Greeks, barbarians and Aeschylus' Suppliants. **Greece & Rome**, 53, n. 2, 2006, pp. 205-223.
- Pour Eschyle**. Disponível em: <<https://www.theatre-du-soleil.fr/fr/guetteurs-tocsin/pour-eschyle-103>> Acesso em: 10 de agosto de 2019.
- RIBEIRO, T. O. **A apódexis herodotiana: um modo de dizer o passado**. Tese de Doutorado (Letras Clássicas) – Departamento de Letras Clássicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- SOMMERSTEIN, A. H. Notes on Aeschylus' *Suppliants*. **Bulletin of the Institute of Classical Studies**, 24, n. 1, 1977, pp. 67-82.
- VIDAL-NAQUET, P. The Place and Status of Foreigners in Athenian Tragedy. In: PELLING, C. (ed.) **Greek Tragedy and the Historian**. Oxford: Oxford University Press, 1997, pp. 109-120.
- WINNINGTON-INGRAM, R. P. The Danaid Trilogy of Aeschylus. **The Journal of Hellenic studies**, 81, 1961, pp. 141-152.

